

N Á D I A G O N Z A G A

C O M O F A Z E R U M A R E D A Ç ã O

E D I Ç ã O D A A U T O R A

COMO FAZER UMA REDAÇÃO

Nádia Gonzaga

Edição da Autora

Escrevi histórias de aventuras, romances policiais, pequenas comédias para teatro, contos que ouvi da boca de antigos escravos e veteranos da Guerra Civil. Era muito divertido no início. Deixou de ser quando percebi a diferença entre o que está bem e o que está mal escrito, e aí fiz uma descoberta ainda mais alarmante: a diferença entre o que está muito bem escrito e a verdadeira arte é sutil, mas bárbara. Foi a partir de então que o chicote começou a estalar!

TRUMAN CAPOTE NO PREFÁCIO DE MÚSICA PARA
CAMALEÕES

ENTÃO...

Quando me formei em jornalismo, destinei-me à capital paulista porque eu havia passado meu curso inteiro lendo a **Folha de S. Paulo**. Era um ritual: eu chegava uma hora antes de as aulas começarem e ia à Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco. Levava uma hora lendo, era muito jornal, eu juro. Lia o primeiro caderno, chamado Brasil. Passava a vista por Cotidiano, Esportes, Economia e Mundo. Detinha meus olhos na Ilustrada, caderno de cultura e devorava assuntos relacionados a cinema, teatro, artes plásticas e literatura. Gostava tanto da Folha que quis trabalhar lá. E acabei ficando de 1995 a 1996 no Acontece, atrelado à Ilustrada. Eu fazia junto com Joana Gelpi e Ana Paula Alfano o roteiro cultural de São Paulo: peças, shows e exposições. Estive na Universidade de São Paulo e iniciei o Mestrado em Literatura Brasileira sob orientação do professor Luiz Dagobert de Aguirra Roncari.

Em 1997, voltei para Petrolina, Pernambuco. Passei pelas redações da TV Norte em Juazeiro, Bahia, rebatizada de TV São Francisco e TV Grande Rio (Petrolina-PE). Ambas afiliadas da Rede Globo em que aprendi que o texto televisivo é bem diferente do praticado no jornal. Há uma necessidade premente de unir imagem e palavra. A imagem e o som ditam o texto. Na TV Norte, eu comecei como produtora e fazia reportagens à noite. Eventualmente, tornei-me editora de texto. Na Grande Rio, exerci as funções de editora de texto, editora-chefe e chefe de redação.

Fui assessora de imprensa da Companhia de Água e Saneamento de Pernambuco (Compesa) em Petrolina, atendendo também às demandas das cidades de Lagoa Grande, Santa Maria da Boa Vista, Orocó, Cabrobó, Salgueiro, Ouricuri e Araripina. Basicamente, foi essa a minha experiência como jornalista. Por gostar tanto de ler, fiz o curso de Letras — Língua Portuguesa e suas Literaturas na Universidade de Pernambuco. As duas

graduações me levaram a criar um método para fazer a redação. Outro motivo é auxiliar meu filho a redigir. Soou como um desafio e é bom ser desafiada. Também porque há um ditado. Acabei de esquecer qual. Lembrei: “santo de casa não faz milagre”. Não é esse. “Faça o que digo, mas não faça o que eu faço”. Também não. É um que trata da dificuldade que é ensinar aos próprios filhos. “Quem sabe, faz. Quem não sabe, ensina”. Não. E esse é péssimo pois desmerece a função do professor. E os professores são essenciais nas nossas vidas. Quem optou pela tarefa de ensinar é, em primeiro lugar, um doador. Ensinar é doar, exige suor e dedicação. Vou me lembrar do ditado até o final deste texto. Lembrei: “casa de ferreiro, espeto de pau”. Tem outro que também traz essa ideia: “santo de casa não faz milagre”. Outro similar: “vamos valorizar a prata da casa”. Por que não o ouro?

Esses dez passos para fazer uma redação foram forjados com amor para meu adolescente preferido, **Antonio**. Que se estendam a você, com todo o meu carinho. Espero desafiar o ditado, modificando-o e afirmando que em casa de ferreiro, o espeto pode ser de ferro.

Vamos aos 10 passos baseados na prática jornalística, almejando alcançar 1000 pontos na redação.

1 DIVISE O ÓBVIO RUIDOSO

Olha só. Continue. É o que você está fazendo agora. Prossiga. Leia o que quiser. Leia o que puder. O que estiver ao seu alcance porque a leitura é a base da escrita. Ler firma o alicerce do pensamento que se desenvolve à medida em que linhas são decifradas. Porque ler é isso. É decifrar códigos.

Tranquilize-se quanto ao gênero de que você gosta. Toda forma de leitura vale a pena. Quanto mais lemos, mais nos familiarizamos com gêneros e modos de fazer literatura. Nesse caminho, encontramos autores loucos e outros nem tão loucos assim. Uns engraçados e outros trágicos. Há livros para crer. Para descrever. Para aprender. E para ser.

Sejam quais forem suas preferências, as leituras que você faz constroem uma estrada que leva, naturalmente, a escrever. Basta querer. Basta praticar. Escreva um pouco a cada dia. Escreva todos os dias. Você consegue. São dois os lados da moeda: ler e escrever.

vamos trabalhar

Neste primeiro passo, proponho que você adquira um bloco e anote as frases e sentenças que mais marcam você. Tenha o caderno de anotações sempre que estiver lendo. Reproduzir trechos com os quais você se identifica é uma forma de apropriação da obra e isso vai ajudar a sedimentar suas próprias ideias.

Tenha sua cadernetinha sempre que estiver lendo. Consiga também um menorzinho, tipo moleskine e leve-o a todos os lugares. No bolso, na bolsa ou na mochila. Escreva o que der na telha. Pensamentos seus e de outrem. Coloque-os no papel sem censura. Apenas impeça que as palavras voem

para bem longe. Agarre-as. Anote-as. Anotar é uma consequência do gosto pela leitura. Gostamos tanto que guardamos.

Ler não é algo passivo. De jeito nenhum: é uma atitude ativa que descortina horizontes os mais diversos na mente. Olha só esse pedacinho reluzente da obra do filósofo **Friedrich Nietzsche**:

“O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre o abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar; perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar. O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um *acabamento*.” (**Assim Falou Zaratustra**)

Concordo: a gente é uma passagem.

Guimarães Rosa, de certo modo, dialoga com **Nietzsche**. Na obra-prima que é **Grande Sertão: Veredas**, vê-se que o mineiro escreveu: “existe é homem humano. Travessia.” **Rosa** foi um desbravador da língua portuguesa. Ele sabia manejá-la como poucos. Daí quando ele diz “homem humano”, à primeira vista pensa-se que é um erro, uma redundância. Não é um erro. Não é uma redundância. São muitas as implicações desse *homem humano*.

Optar por *homem humano* é fazer a linguagem transbordar.

Rosa e Nietzsche conduzem a **Clarice Lispector** que em **A Paixão Segundo G.H.**, avisa:

“E é inútil procurar encurtar caminho e querer começar já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despesoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos.”

Não importa para onde vamos, nós somos e construímos nosso percurso. Nossos passos traçam o trajeto e se confundem com as nossas escolhas.

Rosa, Nietzsche e Lispector conduzem a **Antonio Machado** quando afirma:

“Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.” Reafirmando o dito de **Machado**, aprende-se a caminhar caminhando. Aprende-se a escrever escrevendo. Eu sei que isso é bem óbvio, porém a

obviedade, às vezes, precisa ser exposta. É o que o dramaturgo **Nelson Rodrigues** chamou de “óbvio ululante”.

As veredas que o cérebro percorre ao se deparar com os livros são complexas e necessárias ao ato de crescer. Quanto mais lemos, mais crescemos como leitores. Começamos a ficar mais exigentes porque devorar obras inteiras vai se tornar um hábito. Não há contraindicações para o ato de ler. Quanto mais, melhor.

Eu acredito que os livros são retalhos de uma colcha única e infinita de emoções, sentimentos e sonhos humanos, demasiado humanos.

vamos trabalhar

Quanto a você, qual é a sua visão sobre os livros? Sobre o ato de escrever? Que tal colocar no papel suas ideias a respeito disso? Escreva o que quiser. Apenas comece. 6 linhas sobre o que significa o ato de ler. E 6 linhas sobre o que é o ato de escrever. No seu caderno de tudo relativo à escrita.

Então está. O primeiro passo tem via dupla. É ir para a direita e para a esquerda. Caminhar. Escolher. É também como pular corda. Trata-se de um movimento. Ler e escrever. Escrever e ler. Lições espelhadas que se desdobram em outras como uma boneca russa. Uma dentro da outra. Pronto. Então está. Vá para o segundo passo.

2 COMECE COMO JORNALISTA

O segundo passo é redigir utilizando estratégias vindas do jornalismo, que possui técnicas e fórmulas próprias. A principal delas é o lide. A palavra vem do inglês, *lead*, porque foi nos manuais norte-americanos que os pioneiros jornalistas brasileiros se inspiraram. Pelo menos até a década em que estudei na Universidade Federal de Pernambuco, de onde saí em 1995.

Lead, ao pé da letra, significa liderar. Abre-se a notícia com o *lead*, que basicamente permite que a gente dê as informações básicas de um evento ou acontecimento. São: o quê, quem, quando, onde, como e por quê. Em inglês são chamados os 5W e 1H: what, who, where, when, why e how.

É bem prático. Na hora de noticiar, precisamos nos certificar de que respondemos, pelo menos, a essas questões e pela ordem de importância.

Alguém definiu assim uma notícia: homem morde cachorro. Ou seja: é preciso que haja algo fora do comum. Sim. Eu sei. Há muitas notícias se passando por notícias sem realmente serem notícias. Entretanto, a base da definição de notícia são materiais com tons fortes; acontecimentos revestidos de ineditismo.

Veja bem. Falei sobre notícia. Reportagem é outra coisa. É algo mais complexo. Dá muito mais trabalho, é contada sob diversos ângulos e leva bastante tempo para aprontá-la.

Escrever não é nenhum bicho papão, eu lhe asseguro.

Você se lembra do incêndio que quase destruiu por completo o Museu Nacional no Rio de Janeiro em 2018? Vamos supor que o tema da redação seja a preservação da memória através da manutenção dos nossos museus. Eu começaria assim:

A destruição de um museu significa apagar a história de um povo. Sem memória, não há identidade. Sem identidade, não se pode construir uma nação.

Para fabricar algo, é preciso ter matéria-prima. Então, onde está a matéria-prima da escrita? Pode estar numa canção. Num poema. Numa frase escutada no meio da rua. Pode ser engraçada ou triste. Só existe uma regra para classificá-las: marcou você? Pois anote-a. Quer encher suas paredes de *post-its* com as frases ou sentenças inteiras que você curte?

Minha filha, **Camila**, lembrou-se de uma frase do escritor **Eduardo Galeano** quando foi fazer a redação que a fez ingressar na universidade. Ela disse que aquela sentença foi uma lanterna para o que produziu pois facilitou a sua escrita: tal frase virou mote e agiu como uma pedra fundamental da dissertação.

Uma coisa que não sei se você sabe: redação é o lugar em que o jornalista trabalha. O local é chamado de redação. É um espaço físico. Nós dizíamos assim:

— Vamos para a redação concluir o texto que vai ser capa do jornal. Ou da revista. Ou do site.

Para você perceber como a gente não tem medo, chamamos o local em que escrevemos em homenagem ao texto que edifica. Não tema. Torne a redação sua amiga.

vamos trabalhar

Vá a um site de jornais. Leia as principais manchetes. Vá para as notícias. Extraia os elementos do *lead*. Você vai notar que estão lá. Os três mais importantes estão na abertura. Veja essa notícia publicada pelo UOL:

Jon Bon Jovi agora é “doutor em música” após ganhar título honorário nos EUA

Felipe Branco Cruz | Do UOL, em São Paulo | 23/05/2019, às 09h03

Os fãs já sabiam que de música, Jon Bon Jovi, sabe muito. Faltava apenas ter o título de doutor. Agora não falta mais.

Jon Bon Jovi, que fará quatro shows no Brasil em setembro, em São Paulo, Curitiba, Recife e no Rock in Rio, no Rio de Janeiro, foi agraciado pela Universidade da Pensilvânia com o título de honoris causa em música.

A cerimônia ocorreu na segunda-feira (20) no campus de Franklin, na Filadélfia. O título foi dado por conta de suas realizações filantrópicas com a Bon Jovi Foundation e com o restaurante Jon Bon Jovi Kitchen, que distribui refeições para as pessoas carentes.

Este, no entanto, não é o primeiro título de Doutor de Jon Bon Jovi. Em 2001, ele graduou-se em Humanidades pela Universidade de Monmouth.

O artista contou a novidade em seu Instagram e brincou que é melhor ser um doutor do que precisar de um doutor.

Levando os ensinamentos do *lead* para uma redação, vamos ver que não existe uma fórmula exata para escrevê-la, entretanto, como numa construção de uma casa, é necessário fazer o alicerce, erguer as paredes e cobrir. O que quer dizer que seu texto precisará ter introdução, desenvolvimento e conclusão.

Então está. Foi dado o segundo passo que é escrever como o melhor jornalista: escreva de modo objetivo. Direto. Com simplicidade, leveza e clareza. Para ser compreendido. Lance suas ideias. Embase-as. Então está. Vá para o terceiro passo.

3 RESUMA COM ELEGÂNCIA

“É fácil resumir o enredo de Ana Karenina: Ana, a bela esposa do frio burocrata Aléxis Karenin, apaixona-se pelo conde Vronski, elegante oficial da Guarda Imperial; Kitty, a noiva abandonada de Vronski, encontra nova vida no amor de Levine, homem rico e culto que se dedica ao serviço dos pobres, à causa do povo russo; as relações adulterosas de Ana e Vronski levam fatalmente a um fim trágico.”

O texto é de **Otto Maria Carpeaux** e está na introdução ao livro **Ana Karenina**, de **Tolstoi**. Em algumas linhas, Carpeaux resumiu um romance de mais de 600 páginas (na edição que possuo).

Resumir é algo que posso chamar de extraordinário se você transformar tal tarefa em arte. Resumir também é uma coisa ordinária. Explico-me: como jornalista em início de carreira, a minha tarefa era fazer o resumo das peças que estavam em cartaz na capital paulista. Eram em torno de sessenta. Algo que seria simples à primeira vista.

Lembro que o crítico **Nelson de Sá** veio conversar comigo na minha primeira semana como contratada. E eu pensando: — Por que ele se dá ao trabalho de falar comigo? Afinal, sou uma recém-formada vinda das bandas nordestinas para cumprir uma missão besta. Aí, parece que ele tinha lido meus pensamentos e me falou que o roteiro de teatro era “o menino dos olhos” de **OFF**.

— Quem é **OFF**?

— **OFF** é **Otávio Frias Filho**, o dono do jornal em que eu e você trabalhamos.

— Ah tá.

Eu consegui o trabalho na **Barão de Limeira** através de **Sandra Muraki** e **Zeca Camargo**. O **Acontece** era e ainda é o melhor roteiro cultural da Grande Manga, que foi como eu batizei Sampa. A Grande Maçã não é Nova York?

Sá cumpriu a função de me supervisionar por mais ou menos dez dias. Diariamente, ele revisava o que eu escrevia. Avisou-me que se o espaço dado pelo setor comercial fosse pequeno, eu poderia cortar tudo, exceto as peças que vinham com o selo de recomendadas pois estas era o próprio Otávio quem escolhia.

Nelson de Sá acabou concluindo que eu era capaz de escrever as sinopses, nunca mais me aperreou, deixou-me no meu trabalho de formiguinha traçando algumas parcas linhas.

Eu só via **OFF**, raramente, passando pela redação. E sabia que todos o achavam um bicho- papão. Também o vislumbrava, ocasionalmente, no Restaurante da Folha.

Já que estamos falando em jornalistas, o apelido **OFF** tem tudo a ver com jornalismo. *OFF* é um jargão que usamos quando um entrevistado nos concede uma informação, porém pede que não seja divulgada. Bons jornalistas são jornalistas confiáveis, acima de tudo. O entrevistado diz “o que vou informar é “em off”. A expressão “off” vem do inglês em relação ao ato mesmo de gravar (usar um gravador ou uma câmera ou um celular); *on record* é: pode gravar. E “*off record*” é que você não pode gravar e nem usar o que está sendo dito.

Em telejornalismo, *off* é o texto do repórter ou do apresentador que será gravado e entregue para ser editado; trechos onde aparece a voz, o jornalista não aparece no vídeo.

Voltando ao ato de resumir, que é a ação de diminuir, de espremer, sempre mantendo a essência do texto original. Nesse processo de encurtar, passa-se a compreender melhor porque que o olhar deve ser mais detido e meticuloso sobre o texto-alvo do resumo. E, claro, quando se resume, consequentemente aprende-se a citar.

Há uma anedota de um editor que propôs um exercício para outro editor: resumir a bíblia até uma única frase. Não vou te pedir isso. Prometo. Eu resumiria desse jeito:

Bíblia: que história!

Ou: Bíblia: que histórias!

vamos trabalhar

A seguir, você verá um trecho extraído de **Breve História de Quase Tudo**, de **Bill Bryson**. No capítulo intitulado “O universo do reverendo Evans”, lemos:

“As supernovas ocorrem quando uma estrela gigante, bem maior que o nosso Sol, colapsa e depois explode espetacularmente, liberando num instante a energia de 100 bilhões de sóis e ardendo por algum tempo com mais brilho do que qualquer estrela de sua galáxia. “É como se 1 trilhão de bombas de hidrogênio explodissem ao mesmo tempo”, diz Evans. Se uma supernova explodisse num raio de quinhentos anos-luz de distância de nós, seria o nosso fim, de acordo com Evans – ‘estragaria a festa’, como ele diz em tom jocoso. Mas o universo é vasto, e as supernovas costumam estar afastadas demais para nos prejudicar. Na verdade, algumas estão tão inimaginavelmente distantes que sua luz nos alcança como uma cintilação débil. Durante o período de mais ou menos um mês em que ficam visíveis, só se distinguem das outras estrelas no céu por ocupar um ponto do espaço que não estava preenchido antes. São esses pontinhos anômalos e muito ocasionais na abóbada apinhada do céu noturno que o reverendo Evans descobre.”

Fonte: BRYSON, Bill: Breve História de Quase Tudo. Companhia das Letras, 2003; p. 41 e 42.

Proposta: primeiro, copie esse trecho na íntegra no seu caderno. (Lembre-se de que você precisa treinar a grafia).

Agora, identifique os mecanismos de citação usados pelo autor Bill Bryson para se referir às ideias e aos estudos do reverendo Robert Evans. Dica: veja onde Bryson utilizou aspas ou locuções prepositivas como “de acordo com” ou “segundo”. Bora lá!

vamos trabalhar

“Contamos histórias para poder viver. A princesa está enjaulada no consulado. O homem com o doce vai levar as crianças para o mar. A mulher nua no beiral da janela do décimo sexto andar é uma vítima de apatia ou uma exibicionista?”

O trecho que você acabou de ler é de **Joan Didion**, uma jornalista nada convencional. Ela escrevia de um jeito peculiar e por peculiar digo que ela redigia de uma forma bem diferente da usual. Em **O Álbum Branco**, coletânea de artigos de Didion publicados em várias revistas, deparamo-nos com pérolas de uma prosa que chega perto da poesia e de uma poesia que toca os céus da prosa. A contracapa que possuo é da Harper Collins e nela há algumas palavras retiradas do **The New York Times** sobre a obra:

“Todos estes ensaios — até o mais breve deles — manifestam não apenas a inteligência de Didion, mas um instinto para perceber detalhes que continua a emitir pulsações na memória do leitor e um estilo livre, sutilmente musical em sua formulação. Adicione a isso um autoconhecimento extremamente vulnerável e o resultado é uma voz como nenhuma outra no jornalismo contemporâneo.”

Gostaria que você usasse a sentença “Contamos histórias para poder viver” e a utilizasse na abertura de um texto que traz a vida como uma fonte infinita de realizações se aprendemos a ouvir e a contar histórias. Intitule-o de “Viver é narrar”. Vamos lá. Você consegue. Faça um parágrafo de 6 linhas.

Outro bom exercício é fazer o resumo dos livros que passam por suas mãos. Na universidade, isso é intitulado de fichamento. No começo, é um pouco chato porque é extremamente trabalhoso. Por isso, comece com os livros de

que você mais gosta. Lembre-se de anotar direitinho os dados bibliográficos, que serão importantes durante seus estudos na universidade.

Você percebeu que para resumir, é preciso citar, ou seja, dizer de onde vieram as ideias que não são de sua propriedade. E que para informar tais fontes, é necessário conhecer algumas estratégias textuais que vão ser desenvolvidas durante um processo denominado de fichamento.

No trabalho de conclusão do seu curso universitário, tais fichas vão te ajudar muito pois poderão se transformar na espinha dorsal de um texto, particularmente o científico. Relembrando: se você quiser citar uma frase, é necessário ter o cuidado de dizer quem a escreveu.

O fichamento pode ser feito do jeito antigo que é com as fichas que a gente pode adquirir numa papelaria. Existe o modo mais fácil que é abrir uma pasta no seu computador e guardar todos os ficheiros que você produziu porque aí você poderá acessar suas fichas em quaisquer lugares do mundo. Sugiro que você os escreva também no papel.

citar usando os verbos *dicendi*

Antes de definir o que é um verbo *dicendi*, vamos rever os excertos retirados de Bryson e Didion. Neles, vou destacar (em negrito) os verbos *dicendi*:

“É como se 1 trilhão de bombas de hidrogênio explodissem ao mesmo tempo”, **diz** Evans.

“ ‘AQUI EU NASCI. Onde e como vivi não é importante’, Georgia O’Keeffe nos **conta** no livro de pinturas e textos publicado em seu nonagésimo ano na Terra.”

“Quem fez isso?”, **sussurrou** ela depois de um tempo. Eu respondi. “Preciso falar com ela”, **disse** Quintana por fim.

Você percebeu que foram usados os verbos dizer, contar e sussurrar. São verbos *dicendi* e utilizados para fazer declarações e citações.

Enunciar, anunciar, pronunciar são verbos *dicendi*. Afirmar, relatar, explicar também o são.

A minha proposta é que você pesquise outros verbos *dicendi*.

Você notou que o exercício de sintetizar exige o uso dos *dicendi*.

vamos trabalhar

Pegue os textos de que você gosta e resuma-os percebendo a utilização de tais verbos.

Depois, reescreva-os do jeito que você quiser, até destacando frases marcantes, como se fossem tópicos.

vamos trabalhar

Vou transcrever o prólogo que **Mario Vargas** fez para o seu **A Guerra do Fim do Mundo**.

“Eu não teria escrito este romance sem Euclides da Cunha, cujo livro *Os Sertões* me revelou, em 1972, a guerra de Canudos, um personagem trágico e um dos maiores narradores latino-americanos. Desde o roteiro cinematográfico que foi seu embrião (e que nunca foi filmado) até que, oito anos mais tarde, terminei de escrevê-lo, este romance me fez viver umas das aventuras literárias mais ricas e exaltantes, em bibliotecas de Londres e de Washington, em arquivos empoeirados do Rio de Janeiro e de Salvador, e em percursos escaldantes pelos sertões da Bahia e de Sergipe. Acompanhado pelo meu amigo Renato Ferraz, peregrinei por todas as vilas, onde, segundo a lenda, o Conselheiro pregou, e nelas ouvi os moradores discutindo ardorosamente sobre Canudos, como se os canhões ainda trovejar no reduto rebelde e o Apocalipse pudesse acontecer a qualquer momento naqueles desertos salpicados de árvores sem folhas, cheias de

espinhos. As raposas vinham ao nosso encontro nas calçadas e também topávamos pelo caminho com homens de roupa de couro, santarrões e cômicos ambulantes que recitavam poemas medievais. Onde era Canudos havia agora um lago artificial, e suas margens estavam coalhadas de cartuchos e projéteis enferrujados das atrozes batalhas.

Inúmeros baianos me deram uma mão enquanto eu trabalhava neste romance; entre eles, além de Renato, seria indigno não mencionar pelo menos três: Antonio Celestino, José de Calazans e Jorge Amado.

Comecei a escrevê-lo em 1977, num apartamentinho do Churchill College, em Cambridge, e terminei no final de 1980, numa torreta histórica de Washington DC — onde estava graças ao Wilson Center —, em torno da qual voavam falcões e de cujas varandas Abraham Lincoln discursou para os soldados da União que combateram na batalha de Manassas.”

Proposta: resuma o prólogo de Llosa, que foi escrito em Londres em junho de 2000. Lembre-se de copiá-lo no seu caderno para treinar a grafia e captar o ritmo empregado ao texto. Resuma-o em 6 ou 8 linhas, utilizando os verbos *dicendi*.

vamos trabalhar

“Quando a campainha soou novamente e a porta se abriu, foi o silêncio da sala que chegou até mim, o silêncio e aquela sensação singular que experimentei ao constatar que o jovem jornalista tinha desviado o olhar. Não olhei para o lado de Marie. Aliás, não tive tempo, pois o presidente me disse, de um modo estranho, que me cortariam a cabeça, numa praça pública, em nome do povo francês.” (Albert Camus em O Estrangeiro — título original: L’ÉTRANGER).

Pegue essa sentença de Camus e resuma-a em uma frase. Eu a deixaria assim:

Serei decapitado numa praça.

Vamos lá. Sua vez. Copie o trecho e logo depois, produza sua frase.

vamos trabalhar

No curso de Letras, tive que encarar a tarefa de fazer resumos acadêmicos. Gosto muito porque o meu professor, Iran Melo, me convidou para publicá-lo numa revista, afirmando que eu havia captado os pontos mais importantes do texto. Ficou assim:

Pré-linguística e paralinguística: caminhos para os estudos científicos da linguagem

Num passeio pelas linhas dos três primeiros capítulos de “A história da Linguística”, o autor Joaquim Mattoso Camara Jr. nos leva às veredas que antecederam o surgimento da linguística. Para chegar a ela, houve uma “pré-linguística” e uma “paralinguística”.

Chama-se de pré-linguística, como o nome indica, o que ocorreu antes (pré) da linguística: o Estudo da Língua Estrangeira, em que é comum comparar a fala atual com a fala do passado; o Estudo Filológico da Linguagem, quando a língua é estudada a partir das línguas antigas; o Estudo Biológico da Linguagem, que se refere às características biológicas, corporais, tornaram possível o uso da linguagem; o Estudo Histórico da Linguagem, no qual são focalizados os traços evolutivos e históricos da linguagem; o Estudo Descritivo, importantíssimo para a constituição da Linguística, tentar compreender a origem e o desenvolvimento da linguagem “através do tempo ou o seu papel e meio de funcionamento real na sociedade”.

E, por último, o Estudo do Certo e do Errado, que Camara Júnior denomina de prática de comportamento linguístico. O autor ressalta que esse estudo tem um fator social relevante: a diferenciação de classes dando à linguagem uma marca do “status” econômico de um grupo.

No capítulo II, o autor nos conduz à Antiguidade Clássica e nos revela que a Índia e a Grécia são uma espécie de “berço” dos estudos da linguagem - devemos muito aos indianos e aos gregos. Na Índia, a principal bússola foi a busca da compreensão dos textos religiosos dos Vedas. Data do século IV a.C. aquele que é considerado o mais antigo tratado sobre a linguagem e

que é de autoria de Yāska. Importante é também a obra de Pānini, que fez uma descrição detalhada do sânscrito.

Como “casa” da Filosofia, a Grécia tinha que dar uma abordagem filosófica ao estudo da linguagem. Como afirma Camara Júnior, “os primeiros estudiosos ‘paralinguísticos’ começaram sob o aspecto filosófico deles”. E relembra que quase todas as Escolas da filosofia grega incluíram a linguagem como objeto de investigação.

No capítulo III, o estudo da linguagem na Idade Média e nos tempos modernos até o século XVIII. Na Idade Média, houve um esforço para conservar o latim puro como língua universal, enfatizando-se assim o estudo do “certo e errado”.

No Renascimento, como era de se esperar, o homem está mais interessado em tudo o que o rodeava, incluindo-se, portanto, a atração pela investigação da língua estrangeira. Fica mantida a abordagem filosófica, com destaque para Francis Bacon.

No século XVI, manifestações da gramática filosófica.

No século XVII, a lógica orientava os estudos gramaticais e o latim passa a ter um papel secundário quando começa a haver um interesse pelas modernas línguas européias, pois “cada País demonstra entusiasmo por sua própria língua”.

No século XVIII, a corrente comparativa e histórica prevaleceu, tendo no filósofo Leibniz um corolário de ideias que levam a uma “Prolíngua”. Foi Leibniz, segundo Camara Jr, que teve a ideia de um “alfabeto universal a fim de reduzir todas as línguas faladas à escrita”.

O terreno da filosofia continuou a avançar quando se debate a origem da linguagem. Destacam-se Hobbes, Rousseau, Monboddo e Condillac, de acordo com Camara Jr, que sacramenta o assunto “paralinguístico” ao mencionar o italiano João Batista Vico. Este rechaça a lógica como farol de qualquer língua. Vico acredita que “a língua é um tipo de poesia e recebe seu impulso da imaginação humana”.

In História da Linguística, de Joaquim Mattoso Camara Jr. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 6a edição, Editora Vozes,

Petrópolis, Rio de Janeiro, 1975.

Proposta: localize no resumo as expressões que usei para citar o autor Camara Jr, como, por exemplo, a locução adverbial “de acordo com”.

vamos trabalhar

A seguir, separei um trecho do livro **O Mapa e o Território**, de Michel Houellebecq:

“No quarto, enquanto assistia a *Thalassa*, sem som, Jed abriu o celular. Franz lhe deixara três mensagens. Atendeu ao primeiro toque.

— Então, como foi?

— Tudo bem. Quero dizer, quase. Só que acho que ele vai atrasar um pouco o texto.

— Ah, não, impossível. Preciso dele até o fim de março, senão não posso imprimir o catálogo.

— Falei para ele — Jed hesitou, foi em frente. — Falei para ele que não tinha problema; que levasse o tempo necessário.

Franz emitiu uma espécie de borborigmo incrédulo, depois se calou antes de retomar a palavra com uma voz tensa, no limite da explosão.

— Escute, precisamos nos encontrar para conversar. Pode passar na galeria agora?

— Não, agora estou em *Beauvais*.

— Em *Beauvais*? Mas o que está fazendo em *Beauvais*?

— Estou dando uma espairecida. É bom espairecer em *Beauvais*.

Havia um trem às 8h47 da manhã, e o trajeto até a Gare du Nord levava um pouco mais de uma hora. às 11 horas, Jed estava na galeria, encarando um

Franz desanimado.

— Você não é meu único artista, sabe disso — disse ele, num tom de censura. — Se a exposição não puder ser em maio, serei obrigado a transferi-la para dezembro.

A chegada de Marylin, dez minutos depois, devolveu-lhe um pouco do bom humor.

— Oh, para mim dezembro se encaixa como uma luva — anunciou de cara, antes de emendar com uma jovialidade carnívora: — Isso vai me dar tempo para trabalhar as revistas inglesas; com as revistas inglesas, é bom agir com grande antecedência.

— Bom, então dezembro — resignou-se Franz, cabisbaixo e vencido.

— Sou eu... — começou Jed, erguendo ligeiramente as mãos antes de se interromper. Ia dizer “sou eu o artista”, ou uma frase do gênero, com uma ênfase um pouco ridícula, mas voltou atrás e acrescentou simplesmente:

— Preciso de tempo para fazer o retrato de Houellebecq também. Quero que seja um bom quadro. Quero que seja meu melhor quadro.” (p. 170 e 171)

Proposta: no seu caderno de tudo, identifique os verbos *dicendi* utilizados por Houellebecq, listando-os. Se você encontrar alguma palavra ou expressão que desconheça, aproveite e pesquise-a. Se quiser, também transcreva os achados para o seu caderno de tudo.

vamos trabalhar

Outro prólogo, desta vez transcrito quase por inteiro. É de **Renzo Mora**, autor de **Casablanca, a criação de uma obra-prima involuntária do cinema**. Leia-o:

“Winston Churchill disse uma vez: “Pode-se estar certo de que os Estados Unidos farão a coisa certa... depois de esgotarem todas as possibilidades de fazer a coisa errada!”

Bem, não é o ideal, mas vivemos em um mundo onde a maior parte dos países — e das pessoas — insistiram na coisa errada até o fim, tentando buscar um efeito diferente fazendo o mesmo repetidamente.

E isso tem um pouco a ver com *Casablanca*.

O filme nos lembra — entre outras coisas — que os heróis não vêm prontos ou em preto e branco. Que a atitude certa vem mais frequentemente do esgotamento das possibilidades equivocadas do que de uma decisão moral e imediata.

Rick Blaine não é um herói pronto.

Blaine é amargo, rancoroso ao extremo, mantém uma operação ilegal de jogatina (atividade que, sabemos, frequentemente arruína seus clientes), suborna as autoridades locais, anda com mulheres de reputação duvidosa e desdenha delas, conversa com os nazistas como se fossem seres humanos, evitando o confronto aberto — embora mantenha sempre um distanciamento irônico das ditas “autoridades”.

Tolerância sem subserviência, ele nos diz o tempo todo. Dependendo do tipo de pessoas para quem você trabalha, trata-se de um conselho da maior utilidade.

O reaparecimento da mulher que ele ama esgota subitamente suas possibilidades de fazer a coisa errada.

Os Estados Unidos insistiram na neutralidade diante da escalada totalitária na Europa. Ou, como diz Rick: “Eu aposto que eles estão dormindo em Nova Iorque. Eu aposto que eles estão dormindo na América inteira”.

Mas daí suas alternativas erradas se esgotaram naquela manhã em Pearl Harbor.

E só então fizeram a coisa certa, com absoluta determinação.

Nesse sentido, Rick Blaine é uma metáfora para a América, mas — é claro — é muito mais do que isso.

Percebemos isso avaliando seu rival.

Victor Laszlo é heróico, inspirador, determinado, sabe exatamente de que lado ficar, não tem dúvidas, está disposto a se sacrificar por uma causa. E isso o torna vagamente chato e melancolicamente sem sal. Digno de admiração, com certeza, mas não apaixonante, como Ilsa nos lembra o tempo todo.

Nos identificamos com Blaine porque ele, como nós, erra. Ele, como a maior parte de nós, alimenta um saudável desprezo por toda humanidade. Ele, como a maioria de nós, é um cínico. Para ele, como para muitos de nós, esse cinismo foi aprendido, desenvolvido e reforçado como couraça porque ele aprendeu à base de repetidas porradas que os outros raramente merecem que arrisquemos nosso pescoço por eles.

E ele — como gostamos de pensar de nós mesmos —, se pressionado, escolhe o caminho certo, ainda que tenha que esgotar algumas possibilidades erradas ao longo dele.

Como citamos adiante, recorrendo a Kenneth Tynan: “Sua persona cinematográfica é de alguém para quem o patriotismo conta, mas nem de longe é suficiente”. O patriotismo, de fato, nunca é suficiente para alguém razoavelmente moral.

Ele tem que estar, antes de tudo, em sintonia com nosso código pessoal — que é nossa verdadeira pátria, a única que conta. Nossa pátria é a nossa consciência — e, cá entre nós, você e eu sabemos quantas vezes já a traímos. Tudo bem, porque o aprendizado vem desse acúmulo de erros. Mas, em algum momento, somos forçados a escolher o lado certo.

Rick sobrevive porque sobrevive nossa esperança de que, em dado momento, *se* realmente pressionados, teremos coragem, capacidade de sacrifício e grandeza para fazer o certo.

Esta é a única forma de honrar a nossa Pátria pessoal.

Nos vemos em Rick, nos projetamos em seus erros, mas são seus acertos que pensamos podemos imitar.

Contamos que — assim como ele — em algum momento possamos fazer algo grandioso, digno de nossas expectativas, de nossa visão (na maior parte das vezes) falsamente positiva de nós mesmos.

Torcemos para isso ainda que, parafraseando Santo Agostinho, rezemos toda noite o mesmo mantra “Senhor, dai-me a virtude; mas não ainda”.

Vamos deixar o dia de nossa demonstração de heroísmo para amanhã, OK? Ninguém está morrendo de pressa, está?

Esses heróis não são exclusividade da ficção. (...)

Os Rick Blaines existem fora das telas. Continuamos vendo — e revendo — *Casablanca* porque esperamos um deles algum dia.” (p. 23 a 24)

Proposta: Destaque os verbos *dicendi* utilizados por Renzo Mora.

vamos trabalhar

O livro **O Clube do Filme** discorre sobre a experiência de um pai ao permitir que o filho fique fora da escola por um ano impondo uma condição: assistirem juntos a três filmes por semana. O pai é o autor, **David Gilmour** e o filho dele é Jesse. O cardápio cinematográfico foi de elaboração paterna. Preocupado em ocupar os dias sem aulas do filho, o primeiro filme a que assistiram foi *Les 400 Coups*, que em português recebeu o título de **Os Incompreendidos**. De autoria de **François Truffaut**, foi feito sem roteiro, usando improvisos, e rodado sem a captação de som direto porque Truffaut não possuía equipamentos de gravação. O som só foi adicionado depois de o filme estar pronto. E isso me faz lembrar da frase atribuída a Artur Ashe: “Comece onde você está. Use o que você tem. Faça o que você pode.”

Truffaut não possuía todos os recursos disponíveis, porém fez o que tinha nas mãos. De acordo com Gilmour, o cineasta francês também havia desistido de estudar, “vivía pelas ruas e era um ladrãozinho na horas vagas; mas adorava filmes, e passou a infância inteira enfiado nos cinemas que se espalhavam pela Paris do pós-guerra”. A epígrafe presente n’**O Clube do Filme** é de **Michel de Montaigne** (1533-1592):

“Eu não sei nada sobre educação, exceto isto: que a maior e mais importante dificuldade dos seres humanos parece residir naquela área que diz respeito a como criar os filhos, e como educá-los.”

E é claro que para **Gilmour** foi difícil tomar a decisão de permitir que Jesse largasse os estudos, entretanto a decisão foi acabou sendo salutar para o filho que ... vou parar por aqui, senão darei *spoiler* e eu gostaria que você lesse **O Clube do Filme**. No final, tudo dará certo. Isso é o que muita gente nos assegura, inclusive **Fernando Sabino**: “Se não deu, é porque ainda não chegou ao final”, prometeu-nos o escritor mineiro.

A propósito, a proposta é que você leia **O Clube do Filme**.

Então está. Aprenda a resumir e, conseqüentemente, a citar. Vá para o quarto passo.

4 ENTREVISTE SEUS HERÓIS

Entrevistas são a base do fazer jornalístico. Notícias e reportagens são resultados, primordialmente, do ato de entrevistar. Se um acidente de carro ocorrer, o jornalista vai ao local e entrevistará pessoas que sobreviveram a ele ou que viram o acidente. Irá conversar com um guarda de trânsito se encontrar um.

O jornalista **Caco Barcelos** escreveu **Rota 66: a História da Polícia que Mata**, um livro-reportagem sobre assassinatos em São Paulo. Para isso, ele fez um trabalho de investigação de cinco anos com muita leitura de arquivos, jornais e a realização de centenas de entrevistas. **Rota 66** é uma pérola do jornalismo brasileiro.

Para a estudiosa Cremilda Medina, entrevistar deve ir além das técnicas jornalísticas. É ouvir o outro para tentar captar essências e nuances. Para isso, não basta um questionário preparado e sim a existência de diálogo. De acordo com Medina, é necessário alcançar uma interação bem sucedida e autêntica; para isso, deve haver “o fenômeno da identificação”, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação, repórter e receptor) se interligam numa única *vivência*.

Não me lembro onde ouvi ou onde vi, porém se você se tornar repórter, já aviso que você deve deixar a pergunta que vai te mandar embora para o final. Sabe? Aquele questionamento que poderá deixar o entrevistado desconfortável, especialmente se for uma verdade incômoda para o entrevistado.

vamos trabalhar

Pesquise e redija uma mini-biografia da sua pessoa preferida. Pode ser quem estiver perto de você. Ou longe. Sua mãe, seu pai, sua avó, sua irmã, seu amigo. Faça uma breve biografia. Ou: escolha um livro de sua preferência e entreviste o personagem principal. Pode ser sobre Naruto. Eu fiz isso com **Os Moedeiros Falsos**; um exercício que foi proposto pelo Marconi de Oliveira na faculdade de jornalismo. Ficou assim:

“Estranho em si mesmo, disperso, livre, novo, calmo, vibrante como um deus” são alguns dos estados de alma por que passa **Bernard Pronfitendieu** num trecho de sua trajetória de vida. Entrevistado do mês, personagem de **André Gide** em **Os Moedeiros Falsos**, a revista **10 para 1000** o faz renascer das cinzas de um livro amarelado guardado no fundo de uma estante de ferro que já está *pensa*, bem *troncha*, de tantos livros maravilhosamente pesados.

De acordo com Gide, o livro foi seu único e verdadeiro romance que lhe deu fama pelo mundo. Publicado em 1926 – Gide passou 4 anos escrevendo-o – revela traços da juventude do pós-guerra dos anos 1920: inquieta, desesperada e à procura de novos rumos.

Para compreender Bernard, Gide descarta a análise psicológica, identificando-as através das ações dos próprios personagens. O conflito de Bernard se inicia quando descobre ser filho bastardo. Sai de casa. Promete a si mesmo alcançar a liberdade, dispondo-se a tudo ousar para obtê-la. O seu primeiro ato de ousadia é pegar a mala de Edouard, escritor, tio de seu melhor amigo, Olivier. A mala continha anotações em forma de diário de seu novo livro. A partir daí, começa o desenrolar de sua personalidade, no início incerta e rebelde.

Chega de enredo. Já se criou um pouco a atmosfera do livro. Vamos à entrevista:

10 PARA 1000 Sem dinheiro, sozinho para enfrentar o mundo... e o que você fez?

BERNARD *Prometi algo a mim mesmo: não me prostituir, apesar de ser a saída mais fácil.*

10 PARA 1000 Aproveitando a deixa, o que acha de fazer amor com prostitutas?

BERNARD *Não procuro, não estou interessado no momento. Busco mesmo é a aventura. Quero me aventurar no sentido pleno da palavra.*

10 PARA 1000 Qual é esse significado?

BERNARD *Aventura é uma bela palavra: é o que acontecerá, o surpreendente, o que espera: é, enfim, o meu destino.*

10 PARA 1000 Fale sobre sua maneira de viver.

BERNARD *Tenho uma fórmula bastante simples. Questiono-me da seguinte maneira: – SE EU NÃO FIZER ALGO, QUEM FARÁ POR MIM? SE EU NÃO FIZER AGORA, QUANDO FAREI?*

10 PARA 1000 A vida é cheia de dificuldades. O que considera desafiante na vida?

BERNARD *Levar a sério por muito tempo a mesma coisa. Minha mãe, por exemplo, não pôde levar o seu amor por aquele a quem chamava meu pai a sério por bastante tempo. Afinal, como disse Shakespeare: “Somos todos bastardos; e aquele venerável homem a quem chamei meu pai estava não sei onde quando fui concebido”.*

10 PARA 1000 Você sente mágoa ou revolta por sua mãe?

BERNARD *Não sei se a desprezo ou se a estimo com mais intensidade por ter feito de mim um bastardo... sabe, esclarecer o que sentimos pelos progenitores é algo que não se pode nem tentar.*

10 PARA 1000 Você acabou se tornando secretário de Edouard que concebe o próprio romance a partir de ideias. Concorde com ele?

BERNARD *Não por completo. Se Edouard partisse de fatos, certamente as ideias surgiriam espontaneamente; lidar com a realidade, acho, é bem mais fácil.*

10 PARA 1000 Como, então, se faria facilmente esse romance?

BERNARD *Escrever um bom romance é estar ao lado da ingenuidade: ter fé no que escreve e, daí, é só contá-lo.*

10 PARA 1000 Então, pretende se tornar escritor?

BERNARD *Às vezes escrever se transforma num empecilho à vida: os nossos atos, gestos e ações valem mais que as palavras. Não, eu realmente não sei se serei um escritor.*

10 PARA 1000 Qual o seu poeta preferido hoje?

BERNARD *Rimbaud.*

10 PARA 1000 Por quê?

BERNARD *Porque Rimbaud preferiu a vida.*

10 PARA 1000 Você fugiu de casa, amaldiçoou seu pai, mas passado o tempo, como se sente em relação a você mesmo e à questão do sangue?

BERNARD *A busca da minha liberdade, por exemplo, não é mais a prioridade número 1. Quanto à “voz do sangue”, acho pura idiotice. O meu pai sempre me amou. Nunca, em nenhum momento, senti que não fosse seu filho. Estou arrependido do que fiz.*

10 PARA 1000 Resumidamente, qual foi a grande lição que ficou em você?

BERNARD *Uma frase de Edouard: “A vida deve ter como meta o nosso autodesenvolvimento.”*

Você pode estar se perguntando porque eu estou propondo esse tipo de exercício se o que você vai enfrentar é uma redação dissertativo-argumentativa. Não sei te explicar com clareza, mas essas práticas vão te ajudar. Essa mescla de textos criativos, essa oferta de leituras diversas, essa experimentação de vários gêneros textuais... tudo isso vai fazer sua escrita fluir. Então está. Vá para o quinto passo.

5 RESENHE O QUE ARREPIA O SEU CÉREBRO

Em 1995, resenhei para o Diário de Pernambuco **Clarice, uma Vida que se Conta**. A resenha foi publicada em 22 de maio com o título **Que mistérios tem Clarice?** Vou transcrevê-la na íntegra:

Já está nas livrarias do Recife a biografia **Clarice, uma vida que se conta**, de **Nádia Battella Gotlib**. A autora sabe o quanto é árdua a tarefa de narrar a vida de alguém. Mesmo quem se propõe a fazer sua autobiografia falha. Sempre haverá vazios de memória e abismos inconfessáveis para si próprio. Nessa biografia, dividida em cinco capítulos: *Da Rússia ao Recife*, *No Rio de Janeiro*, *Notícias do Brasil*, *De volta ao Brasil* e *Para Sempre*, Gotlib conta a vida de Clarice Lispector a partir da releitura cronológica de seus livros, seus depoimentos e dos ensaios, críticas e reportagens escritos sobre Lispector, além das vozes da irmã Tania, do filho Paulo e dos amigos, através de cartas e entrevistas.

Antes de o leitor se arriscar por suas páginas, Gotlib alerta que não pretende cometer o equívoco de “estabelecer relações mútuas de dependência” entre os dados biográficos de Clarice Lispector e a leitura crítica de seus textos. “Contudo, não se pode negar que há... coincidências”, avisa. E é através dessas coincidências entre o vivido e o escrito, que Gotlib sugere, questiona, insinua e, mais que isso, afirma laços existentes entre a obra e a vida de Clarice.

Gotlib corre riscos pois esse modo de contar a vida de Lispector exige cuidados, porque há um longo e complexo pântano entre realidade e ficção. Mas, seguindo os passos da personagem do livro *Água Viva*, de Clarice, não teme a queda: “Minha história é viver. E não tenho medo do fracasso. Que o fracasso me aniquile, quero a glória de cair.”

São inegáveis as semelhanças existentes entre o vivido e o escrito reveladas por Gotlib. Inclusive porque, quando entrevistada, Clarice fazia questão de dizer que seus livros não eram autobiográficos. Porém, é nas crônicas, matéria onde o eu fala mais alto, que a autora se denuncia ainda mais, revelando sua vida pessoal.

O Recife, onde Clarice morou até os doze anos, aparece com frequência nos contos e crônicas da autora, sob a forma de lembranças de suas praças, pontes, carnavais e, infelizmente, da fome e miséria do povo. No fim de 1976, Clarice voltou mais uma vez ao Recife. Gotlib transcreve trechos da entrevista publicada depois de sua morte. O repórter pergunta “se o Recife continua existindo em Clarice Lispector”. Ela responde: “Está todo vivo em mim”.

Momentos bastante reveladores da biografia ocorrem quando Gotlib traz a público trechos da correspondência de Clarice — que morou durante dezesseis anos no exterior — mantida com suas duas irmãs, Tania e Elisa; com os escritores Lúcio Cardoso, Érico Veríssimo, Rubem Braga, Fernando Sabino e outros. No entanto, fica o sentimento de falta, pois tem-se a impressão de que se as cartas fossem reunidas e publicadas, na íntegra, na certa *esCLARICE*riam melhor.

Um ponto que merece atenção na biografia é que a lista de entrevistados não é abrangente. Faltam nomes de contemporâneos de Clarice na literatura, como Rachel de Queiroz e Fernando Sabino - que Gotlib insinua algo mais que uma amizade em preto-e-branco.

Com o fim da leitura, permanece uma certeza: seria mais exato se a autora chamasse o livro de Clarice Lispector, histórias que se contam. Uma das maiores amigas de Clarice, Olga Borelli, que também escreveu sua biografia em 1981, pôs o título de **Clarice Lispector, esboço para um possível retrato**. Sabiamente, teve a consciência de que tudo não passava de um esforço de tentativa, de desejo de decifrar o coração selvagem de Lispector.

Que mistérios tem Clarice?, canta Caetano Veloso. Ao que Carlos Drummond de Andrade escreve, em relação à morte da amiga:

Clarice

*veio de um mistério,
partiu para outro,
Ficamos sem saber a
essência do mistério
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.*

A editora Ática caprichou na edição da biografia. A capa é do artista plástico Alfredo Ceschiatti e uma novidade: traz contracapa com a pintura que Giorgio De Chirico fez de Clarice na década de 40. Mais uma surpresa vem junto às páginas do livro que, por ser surpresa, não se deve revelar, é claro.

O Diário de Pernambuco me identificou como universitária de jornalismo, pois fiz uma colaboração especial. Eu estava terminando jornalismo na UFPE e iria, em julho deste mesmo ano, apresentar meu trabalho de conclusão intitulado **A Crônica segundo Clarice Lispector**. É. Clarice Lispector foi cronista. Escreveu para o Jornal do Brasil de 19 de agosto de 1967 a 29 de dezembro de 1973.

No último ano do século XX, eu fiz a resenha de **Como ser Legal**, livro de **Nick Hornby**. Vou transcrever na íntegra. Foi publicada na Gazzeta do São Francisco, jornal fundado por **Eudes e Rose Celestino** em Petrolina, Pernambuco. Olha como ficou:

Como ser Legal começa com um pedido de divórcio pelo telefone celular. A proposta é de Kate Carr, médica, dois filhos, casada com David há 24 anos:

“Se os meus pensamentos sobre o nosso casamento fossem transformados num filme, os críticos diriam que era tudo encheção de linguiça, sem enredo, e que a coisa podia ser resumida assim: duas pessoas se conhecem, se apaixonam, têm filhos, começam a discutir, engordam e resmungam (ele), se entediam, se desesperam e resmungam (ela), e se separam. Eu não reclamaria dessa sinopse. Nós não temos nada de especial.”

O livro fala sobre relacionamentos e mudanças de atitude e de comportamento. Ao receber a notícia do divórcio iminente, David se torna mais áspero do que o usual — ele escreve uma coluna num jornal intitulada “O Homem mais irritado de Holloway”: “A última que aguentei ler era uma diatribe contra pessoas idosas que viajam de ônibus: por que elas nunca têm o dinheiro da passagem na mão? Por que não usam os assentos reservados para elas na frente do ônibus? Por que insistem em levantar dez minutos antes de chegar ao ponto, expondo-se a cair frequentemente de forma alarmante e indigna?”

Kate está traindo o marido pela primeira vez e é assim que enxerga o amante: “O que eu realmente quero e que consigo com Stephen é a oportunidade de me reconstruir a partir do zero, entendem? O quadro que David fez de mim já está completo, e tinha quase certeza de que nem eu nem ele gostamos muito desse quadro”.

No início, os diálogos entre marido e esposa são uma revoada de agressões, mágoas guardadas e palavrões. O livro dá uma reviravolta engraçada quando David é curado de uma dor crônica nas costas por um cidadão chamado BoasNovas. É a partir da chegada de BoasNovas na vida do casal que tudo se transforma e David quer deixar de ser o homem mais raivoso para se tornar uma pessoa legal — isso inclui a ideia de convencer os vizinhos a adotar desabrigados de Londres.

Nick Hornby, 45 anos, é roteirista do filme **Alta Fidelidade**, uma comédia estrelada por John Cusack e que está nas locadoras.

Caramba, acabei de entrar num túnel do tempo ao reler essa resenha que foi publicada quando locadoras de DVD e VHS existiam. Tempo bom, viu? Nelas, a gente tinha até a chance de encontrar pessoas, sabe? E conversar olho no olho sobre cinema etc e tal. Escrevi *etc e tal*. Não use. É um clichê a ser evitado.

No “serviço” (é assim que se chamam as informações que são dadas no final de uma matéria sobre livro, peça teatral, exposição, palestra ou um show) que prestei no final da resenha, informei que o livro estava custando 31 reais na Livraria Nobel, que ficava no River Shopping. Sim. Petrolina tinha livrarias.

Há outra resenha que o *Gazeta do São Francisco* publicou. Eu fui para o campo cinematográfico e falei sobre a película **Cidade de Deus**. Intitulei-a de *Cidade de Deus ou visita ao inferno*:

Quem assistiu ao filme *Cidade de Deus*, saiu com o corpo crivado de balas. Mas na *Cidade de Deus*, a violência vista e sentida não é gratuita. Apesar do sangue e da dor do ser humano reduzido ao nada, há momentos que emocionam, que fazem chorar. “Quem bem souber não coloca um filho no mundo depois de ver esse filme”, alguém comentou. É verdade. Nenhuma reportagem produzida na imprensa brasileira conseguiu descrever o horror de viver da vida numa favela. Nem mesmo a Rede Globo ao exibir centenas de matérias sobre tráfico nos seus telejornais, pressionando o Poder Público a prender os culpados pela morte do jornalista Tim Lopes.

Cidade de Deus é baseado no romance de mesmo nome de Paulo Lins, escritor, negro, e ex-favelado, que morou parte da vida na *Cidade de Deus*, um conjunto habitacional criado nos anos 60, na zona oeste do Rio de Janeiro, para abrigar vítimas de enchentes. O livro foi publicado em 1997 a partir da experiência vivida pelo autor, que trabalhou oito anos colhendo depoimentos de moradores sobre o cotidiano da favela.

O diretor Fernando Meirelles e a co-diretora Kátia Lund contaram a história numa narrativa cheia de idas e vindas. O único ator famoso é Matheus Nachtergaele (João Grilo, de *Auto da Compadecida*). Os outros atores são desconhecidos e brilham na telona, como Leandro Firmino da Hora que interpreta o traficante Zé Pequeno e Alexandre Rodrigues como Buscapé. O filme é divisor do cinema brasileiro. Chegamos à maturidade com uma história que retrata pessoas que estão presas ao labirinto da criminalidade e da desesperança.

Sempre esperamos uma lição de um filme ou de um livro. Neste, a mensagem é que nós e o governo precisamos agir e procurar soluções para quem está totalmente à margem da comida, da educação, da família, da arte, da política, da dignidade...

O próximo presidente do Brasil deve assistir e mandar todos os seus ministros, assessores e o Congresso Nacional assistirem à *Cidade de Deus* para, quem sabe, corrigirmos o rumo de um País que está à deriva.

Essa minha resenha foi impressa em outubro de 2002. Estou transcrevendo-a em 19 de junho de 2023 e fiquei com vontade de republicá-la agora no Facebook ou no Instagram. A vontade é grande viu? Só que eu prometi para mim mesma que ficarei focada em terminar essas 10 para 1000. Entretanto, eu sei que não vou resistir. Farei uma pausa para republicá-la agora no Facebook. Pronto. Voltei.

Em 2018, a BBC (British Broadcasting Corporation) colocou Cidade de Deus na posição 42 lugar numa lista de 100 Melhores Filmes Estrangeiros. O primeiro lugar ficou com Seven Samurai, de Akira Kurosawa.

Então está. Você pode resenhar o que quiser: livros, filmes, mangás ou jogos. Vá para o sexto passo.

6 IMITE FEITO UM NINJA

Mantenho o costume de copiar textos de outrem até hoje. Tenho volumes e mais volumes cheios de citações. É gostoso colecioná-las. Isso dá a medida do que já foi escrito e lido pela gente e edifica um acervo pessoal. Veja bem: copiar não é plagiar. Plágio é outra coisa. Segundo **Austin Kleon**, a gente deve se apropriar dos trabalhos alheios de um modo artístico. Ou seja: copiar com arte. Kleon reúne dicas sobre o ato criativo em **Roube como um Artista**, recolhendo frases que, de certa forma, absolvem os *ladrões* da arte, como essa sentença de *Mark Twain*:

É melhor pegar o que não

lhe pertence do que deixar

por aí esquecido.

Gosto demais desse livro de Kleon, que recupera T.S. Eliot:

Poetas imaturos imitam;

poetas maduros rouba;

poetas ruins desfiguram o que pegam

e poetas bons transformam em algo

melhor, ou pelo menos diferente.

O bom poeta amalgama o seu furto

a um conjunto sensível que é único,

completamente diferente daquele

de onde foi removido.

Discutir sobre subtrações no mundo da arte me levou a lembrar de um poema de Mario Quintana:

“Nada se perde, tudo muda de dono — tardia reflexão de Lavoisier ao descobrir que lhe haviam roubado a carteira.”

Plagiar é roubar descaradamente. É se apoderar de algo e não citar a fonte. É afirmar que um texto é seu sem que seja seu. Uma coisa que não é legal. É ilegal. Plágio é uma contravenção prevista em lei.

vamos trabalhar

Copie no seu caderno de textos de outrem. Você pode começar com a seleta que trago aqui. Lembre-se de citar a fonte consultada.

“A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública. A vida privada só tem sentido em relação à vida pública, e sua história é, em primeiro lugar, a história de sua definição: como evoluiu a distinção entre vida privada e vida pública na sociedade francesa do século XX? Como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência? Assim, a história da vida privada começa pela história de suas fronteiras.” **(História da Vida Privada, vol. 5, p. 15)**

Perceba a elegância do redator, que tem a história francesa como principal formação. Veja bem: quanto mais a gente domina um assunto, mais as palavras fluem. Porém, você não precisa dominar um tema para escrever sobre ele. Lembre-se do que um jornalista faz. Somos, principalmente, especialistas em generalidades. Não dá para saber sobre tudo. Então, pesquisamos, entrevistamos e, de acordo com as normas jornalísticas, nos apropriamos do conhecimento adquirido sobre determinado tema. Com a prática, conseguimos gerar todo tipo de escrita.

Minha primeira entrevista trabalhando na Folha de S.Paulo foi feita por telefone. Publicada em 24 de janeiro de 1996 para a capa do *Acontece*, intitulei-a Comédia quer descobrir a coisa certa. Entrevistei o diretor, Júlio Conte, educado e solícito.

Minha segunda entrevista também levou à capa do *Acontece*. **Dança e teatro se misturam em Zumbi** veio a público em 2 de fevereiro de 1996.

O cantor Raimundo Fagner vinha fazer um show em São Paulo e eu conversei com ele por telefone. O resultado saiu no dia 12 de março de 1996 no *Acontece*: **Fagner canta com banquinho e violão**. O clichê presente no título passou por mim e pelo revisor do meu texto. Todos os dias, tínhamos uma avaliação interna feita pelo ombudsman da FSP. Neste dia, minha matéria foi criticada porque usei o que é considerado lugar comum por seu utilizar recorrentemente: “com banquinho e violão”. Em minha defesa, o meu colega Pedro Alexandre Sanchez disse-me que “banquinho e violão” poderia ser aplicado ao show que Fagner ia fazer pois o cearense raramente se apresentava assim. Segundo Sanchez, os shows de Fagner vinham com uma banda. Eu fiquei conhecida por um dia na redação mesmo tendo cometido um erro do ponto de vista do *ombudsman*. A você que está me lendo agora, eu pergunto: você sabe o que é *ombudsman*? Mesmo que você saiba, vou explicar brevemente o que significa. É uma figura instituída no Brasil pela Folha de S. Paulo, uma espécie de porta-voz do leitor. O ombudsman deve ler o jornal com um olhar atento e, principalmente, crítico. No Manual da Redação da FSP, é assim definido:

Palavra de origem sueca que significa “aquele que representa”. Pronuncia-se “ômbudsman”, mas no Brasil fixaram-se as formas “ômbúdsman” ou “ombudsmân”. A Folha usa o termo ombudsman tanto no feminino como no masculino. No plural, grafa-se “ombudsmans”.

vamos trabalhar

Clichê também é uma palavra presente nos primórdios do jornalismo e se refere a algo físico que era usado na impressão dos jornais. Havia um primeiro clichê, um segundo clichê e, excepcionalmente, um terceiro clichê. Pesquisa aí. ;)

Entrevistei o cantor e compositor Paulo César Pinheiro. Era dia de folga e eu fui até a Folha, onde me dirigi ao Banco de Dados, pois a internet não era essa que eu e você conhecemos hoje. Lá, íamos a um terminal de computador e pesquisávamos os assuntos; alguns materiais estavam digitalizados; outros não e aí a gente localizava o arquivo e lia o jornal em mãos. Era simplesmente uma maravilha.

Eu li tudo o que a **Folha** tinha sobre **Pinheiro** e preparei uma lista de perguntas. O entrevistado, bastante solícito. A matéria foi publicada no dia 30 de abril de 1996 na **Ilustrada**. A minha abertura ficou desse jeito: “Paulo César Pinheiro está de volta a São Paulo. Ele, que começou a compor aos 13 anos, estabeleceu parceria com Baden Powell aos 16, tem 28 de carreira e completou 47 anos de idade ontem, canta hoje e amanhã, no Vou Vivendo Bar.”

vamos trabalhar

Um texto selecionado para você. Sinta-se como se estivesse escrevendo-o porque você vai se banhar em águas límpidas e calmas:

“O que há de humano na linguagem é a literatura, e não a comunicação. O primeiro grito de um homem foi uma canção. A primeira tentativa de comunicação de um homem com seu semelhante foi um grito de força e debilidade solene, e não um pedido de um copo de água. Até o animal faz uma tentativa frustrada de poesia. Os ornitólogos explicam o canto do galo como uma exploração extática do seu poder. O mergulhão que desliza solitário pelo lago, com quem está se comunicando? O cão solitário uiva para a lua. Poderemos dizer que o primeiro homem chamou o sol e as estrelas de Deus como um ato de comunicação, e só depois de ter terminado o trabalho do dia? O mito veio antes da caça. O objetivo da primeira fala do homem foi dirigir-se ao desconhecido. Seu comportamento teve origem em sua natureza artística.” (**Barnett Newman** em **Teorias da Arte Moderna** originalmente publicadas em *Tiger’s Eye*, Nova York, número um, outubro de 1947)

vamos trabalhar

Copie no seu caderno o texto anterior e depois escreva um parágrafo de 6 linhas sobre a necessidade da arte nas nossas vidas. Você pode começar se fazendo o questionamento: por que a arte é tão importante?

O sonho e o simbólico pavimentam de verde grama a nossa estrada neste planeta, daí a necessidade de consumir arte: livros, filmes, peças de teatro, exposições de arte e apresentações de dança. Então está. Vá para o sétimo passo.

7 EXPLORE O MAPA DA GRAMÁTICA

Na vida, erros podem nos construir. Em gramática, tal frase não se aplica. Quando se trata de terreno gramatical, nossos erros nos destroem. Isso não vai acontecer na sua redação porque você pode evitá-los. Todos temos um repertório de palavras que usamos no dia a dia. O mesmo acontece na hora de escrever. Escolhemos certas palavras em vez de outras.

A minha instrução é: atenha-se ao que você usa no dia a dia. Não invente de usar algo que você nunca utilizou na hora da redação. O que digo é que você deve ficar com o seu repertório que está sendo enriquecido enquanto você lê. Enriquecido enquanto você conversa. Enriquecido enquanto você assiste a um filme.

Seja também um pescador. Quando você se deparar com uma palavra ou expressão interessante, anote-a. Assim que possível, pesquise-a. Registre sua pesquisa. Não deixe apenas na sua cabeça. Lembre-se que o ato de escrever vai inspirá-lo.

Corrija seus erros e tudo tende a dar **1000**.

Se alguém escrever: **haverão** dias em que a saudade atingirá tal grau de intensidade que meu coração explodirá. A norma padrão da língua portuguesa diz que **haver** no sentido de *existir* fica invariável. Nada de plural. A norma padrão prescreve:

Haverá dias em que a saudade atingirá tal grau de intensidade que meu coração explodirá.

E se você optar pelo verbo **existir**:

Existirão dias em que a saudade atingirá tal grau de intensidade que meu coração explodirá.

Os erros mais comuns

Separar sujeito do verbo

Sujeito e verbo nasceram para atravessar uma ponte sem encontrar obstáculos. Nunca separe o sujeito do verbo por vírgula.

Assim sim: João, Maria, Carolina, Renata, José e Tinoco gostam de pescar.

Assim não: João, Maria, Carolina, Renata, José e Tinoco, gostam de pescar.

Tenha atenção com as palavras que possuem grafias similares e significados diferentes

Iminente: é algo que está prestes a ocorrer.

Exemplo: Os ventos estão cada vez mais fortes. A chuva é iminente.

Eminente: refere-se a uma pessoa que se destaca em determinada área do conhecimento.

Exemplo: João é um médico eminente em cirurgia pediátrica.

Atenção ao usar adjetivos

Por que evitar adjetivos? Em jornalismo, é preferível fugir deles porque, basicamente, adjetivar é qualificar. Use-os se o texto que você se propuser seja do tipo que é da sua propriedade, que é fruto da sua imaginação. Não em uma dissertação.

Eu gosto de ler textos jornalísticos anteriores ao ano em que estou vivendo. Por exemplo, veja o seguinte trecho:

“No combate a uma epidemia **devastadora** como a provocada pelo vírus da zika, o tempo é crucial. Em setembro de 2015, enquanto a doença se espalhava pelo Brasil, autoridades e pesquisadores **atônitos** buscavam entender a causa e a dimensão do problema o mais rápido possível, ao passo que **novas** e mais **graves** sequelas não paravam de ser relatadas.” (grifos meus)

Vamos prestar atenção ao uso do adjetivo *devastador*. Comecei a escrever **10 para 1000** em março de 2022. Perceba que em 2022 ainda tínhamos que enfrentar uma doença que virou pandemia mundial.

Enxerga só o embate. No ringue, vamos colocar vírus da zika versus covid-19. E quanto a pesquisadores **atônitos**? **Novas e graves** sequelas?

Usar *novas* não é tão grave. Porém, *mais graves*...

Foi colocado um advérbio de intensidade diante de *graves*.

Ainda quanto ao trecho *zikado*. Perco o amigo, mas não perco o trocadilho, por isso coloquei *zikado*. O fragmento foi retirado da revista **Galileu** (maio de 2017).

Você notou como é uma excelente estratégia evitar os adjetivos? Corra deles. São como alhos para vampiros.

O mapa da gramática tem várias placas tectônicas. Corrija seus erros e escape dos adjetivos.

o verbo assistir

No sentido de ver, exige preposição, pois é transitivo indireto:

Eu assisti **ao** filme em que Tom Cruise interpreta um vilão.

No sentido de socorrer, auxiliar, prestar assistência, é transitivo direto:

O médico plantonista assistiu **o** paciente que deu entrada no hospital através dos socorristas do SAMU.

Quando você for escrever sua redação, não invente. Use seu repertório e escolha as palavras e expressões que você tem certeza de que estão corretas.

verbos defectivos

São aqueles que não possuem a conjugação completa. Por exemplo, o verbo *falir*. Só se pode usar *nós falimos* e *vós falis*.

Outros verbos defectivos bastante utilizados, segundo o Manual da Folha, são:

abolir: TU ABOLES, ELE ABOLE, NÓS ABOLIMOS, VÓS ABOLIS, ELES ABOLEM

adequar: NÓS ADEQUAMOS, VÓS ADEQUAIS; é errado dizer “se adeque” e “se adequem”

banir: TU BANES, ELE BANE, NÓS BANIMOS, VÓS BANIS, ELES BANEM

colorir: TU COLORES, ELE COLORE, NÓS COLORIMOS, VÓS COLORIS, ELES COLOREM

explodir: TU EXPLODES, ELE EXPLODE, NÓS EXPLODIMOS, VÓS, EXPLODIS, ELES EXPLODEM

precaver: só há: NÓS NOS PRECAVEMOS e VÓS VOS PRECAVEIS; é errado “que se precavenha”

reaver: só há NÓS REAVEMOS E VÓS REAVEIS; está errado “para que reaveja”

os manuais de redação

Você lê manuais para utilizar um novo aparelho eletrônico? Apesar de avisarem que é para ler antes de usar, são raros os terráqueos que se atrevem porque é da natureza humana querer apressar-se.

Olha, existe uma fatia de pessoas que lê manuais. Ou pelos menos lia: quem trabalha na Folha de S.Paulo e n´O Estado de São Paulo. Falo sobre esses dois jornais pois os conheço. Já escrevi para a **Folha** e para o **Estado**. Sim. É assim que a gente carinhosamente os apelida: Folha e Estado.

Perceba que o Estadão carimbou manual “de redação”. Além de acrescentar “e estilo”. A Folha, optou por “da redação”. É que há e sempre haverá essa rivalidade entre a Folha e o Estadão. Cada jornal fará as coisas do jeito que achar melhor. Como diz o filósofo Frank Sinatra: **I did it my way**.

Esses manuais são mesmo e bem utilizados porque cada jornal gosta de padronizar a escrita que é diária. Os manuais de redação são uma mão na roda. De onde virá a expressão *mão na roda*?

Então está. Seguindo alguns dos passos já vistos e os que você vai criar, catalogue seu Manual de Redação Pessoal, que vai lhe proporcionar mais segurança pois você poderá listar os erros gramaticais que mais comete, corrigindo-os. É importante colecionar as expressões que funcionam; as sentenças de que você gosta de usar. Então está. Vá para o oitavo passo.

8 MEMORIZE

Memorizar é fundamental. Tente decorar frases, poemas, citações. Já faça isso agora. E faça isso sempre. Não espero pelo **Enem**. Torne o ato de escrever o ato de respirar. Exagerei, né? Transforme o ato de escrever no ato de andar de bicicleta. Aprenda. Pratique. Não. O ato de andar de bicicleta não é ainda o que quero dizer. Vou achar a comparação.

Mesmo que ao escrever você só capte a essência de um pensamento, isso vai ajudar. Acredite. Confiança. Isso mesmo. Repita para si mesmo que consegue escrever. Escreva.

Tente escrever todos os dias. Qualquer coisa. O que lhe interessa e o que não lhe interessa. Como assim? Assim: você pode começar um texto dizendo que há coisas que lhe interessam. E outras coisas que não lhe interessam. É lógico que é mais fácil listar o que nos interessa. Primeiro, liste. Depois, justifique cada item da sua lista. Dê asas ao ato de pensar e passe para o papel. Sim. Exercite no papel. Deixa um pouco o computador de lado, até porque você vai precisar usar a caneta para que sua letra esteja apresentável e, principalmente, legível. Lembre-se: alguém vai examinar sua redação.

proposta

Existem truques mnemônicos. Que tal pesquisar sobre estratégias da memória e escolher os que lhe caem bem?

listinha boa: filmes com personagens desmemoriados

Aquele em que o personagem escrevia no próprio corpo com aquele ator que fez **No Pain, no Gain** que tem aquela atriz da série **How I Met Your Mother**, que também protagoniza a série **Stumptown**.

Saiba de uma coisa: mesmo que você não se lembre perfeitamente daquela frase que seria ideal para o seu texto, você pode informar que está parafraseando um autor. Pegue a essência da frase e utilize-a. Nomeá-lo é essencial, repito.

Se o tema de sua redação tiver a ver com a vida difícil do sertanejo lutando contra as condições climáticas ou pior: lutando contra as condições políticas em que vive, você já ouviu **Disparada**? A versão mais conhecida tem a voz de Jair Rodrigues. Eu começaria meu texto com a primeira frase da canção: “Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar.”

Eu posso desenvolver minha dissertação em torno da música, porém vou precisar ter muito cuidado para utilizar bem os trechos. Não posso abusar pois o campo dissertativo é um espaço para suas ideias. É necessário ser comedido ao utilizar textos alheios para que o corretor não ache que você é um saco vazio, um redator que não possui argumentos próprios.

“Eu venho lá do sertão. E posso não lhe agradar. Aprendi a dizer não. Ver a morte sem chorar.”

A música é tão boa que eu me empolguei.

Na redação, você não pode se empolgar tanto e encher seu texto de referências sem tornar essas citações ancoradas nos seus próprios pontos-de-vista. Citar é mostrar que você é um bom leitor. E não apenas leitor. A inspiração pode residir num filme; num documentário; numa frase. Então está. Vá para o nono passo.

9 ACERTE O TOM

Seriedade é o tom da redação. Nada de inventar teorias malucas. Seja medíocre. Sim. No melhor sentido da palavra medíocre. Medíocre é quem está no meio. No seu discurso, seja mediano.

Cuidado para não fazer brincadeira com assuntos sérios. Você só tem uma chance de acertar. Tem alguém lendo o que você escreveu. E essa pessoa quer saber se você tem desenvoltura ao lidar sobre um determinado tema.

A redação não é lugar para ser transgressor. Nada de doideira. As coisas loucas e estranhas pertencem a outro espaço: o espaço da criação, da imaginação, do fazer literário.

É preciso ter em mente que o seu texto será equilibrado e que é necessário expor suas ideias com clareza. Para isso, você pode desenvolvê-lo utilizando diversas alusões: históricas, culturais, filosóficas, poéticas etc.

Agora, vamos destrinchar o esqueleto da redação dissertativo-argumentativa.

Na **INTRODUÇÃO**, você apresenta as sementes da sua argumentação, usando um ponto forte. Seja direta. Mostre sua tese e identifique sua linha de raciocínio. Lembre-se de que você precisa convencer quem estiver lendo. Imagine-se fazendo essa “conversa” com o seu leitor ou sua leitora.

No **DESENVOLVIMENTO**, use um parágrafo para cada argumento ou exposição de uma ideia sua. Isso dará clareza ao seu texto. Da sua aljava, vão sair três ou quatro flechas (ideias) que darão sustentação ao seu raciocínio.

A **CONCLUSÃO** é o momento de arrematar seus pensamentos claramente construídos e apontar para um horizonte firme, um “grand finale”. Lembre-

se de se imaginar conversando com o seu leitor. Para isso, você vai usar outras palavras e retomar uma ou duas ideias já expostas para encerrar o assunto, apresentando uma espécie de solução ou resumo feito a partir do seu ponto de vista.

vamos trabalhar

“A percepção do todo da cidade, à luz daquelas necessidades de uso do solo, nem sempre tem sido resultado de uma melhor compreensão que envolve outra relação importante: governo e cidadãos. Cidadãos nem sempre respeitados em seu direito de morar e conviver. A cidade do Recife tem crescido com o apoio incontestado da lei. Este o problema maior. Uma comunidade que cresce e vive em cidade tem suas leis urbanas revisadas segundo o potencial de expansão. Isto leva para revisões periódicas necessárias das leis urbanas. Não temos por que comparar o Brasil com a Europa, esta estagnou e deve ter resolvido seus problemas. Os países emergentes sofrem com um crescimento populacional e desenvolvimento econômico, nem sempre comparável com o de outros países.” (José Luiz da Mota Menezes, arquiteto e urbanista. Artigo publicado no **Jornal do Commercio** em 12 de agosto de 2014)

Para desenvolver um tema como ocupação das cidades, é importante se fazer algumas perguntas: como uma cidade se constrói? Por que queremos melhores condições de vida? Por que importa que os cidadãos participem? Pense na importância do planejamento, especialmente o urbano. Faça no seu caderno. Cada resposta com 6 linhas.

Sabe uma coisa que eu fiz para relaxar dos estudos no ano decisivo em que entrei para a universidade? Eu assistia a documentários sobre vários assuntos pois são interessantes para nos darem noções sobre diversos temas. E você também pode citá-los nos seus argumentos, mostrando que você está atento à história e às histórias.

Se você realmente acha que não gosta de ler, comece a leitura escolhendo textos curtos como poemas, depois vá para crônicas e contos.

No território poético, importantíssimos são Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Orides Fontela, Ana Cristina Cesar, Cora Coralina... A lista é grande. Andei lendo **Cora Coralina** e vi algo forte que pode ser usado numa redação em que a temática seja sobre a humanidade e os laços fraternos que nos unificam: *“Creio numa força imanente que vai ligando a família humana numa corrente luminosa de fraternidade universal.”*

o haikai

No universo da poesia, existe um capítulo. Foi um colega, Paulo Soares, no Curso Especial, no Recife, que me apresentou aos haikais. A estrutura do haikai é uma tríade.

Os três elementos provocam uma sensação de familiaridade, alegria e estranheza. Não necessariamente nesta ordem. Alguns exemplos de haikais:

Estrelas no lago —

E então novamente o ruído

Da chuva fina que cai.

Hokushi

Apenas estando aqui,

Estou aqui.

E a neve cai.

Issa

Quiétude —

O barulho do pássaro

Pisando as folhas secas.

Ryúshi

Uma pessoa

visita outra pessoa —

Entardecer de outono.

Buson

É imprescindível absorver textos com cores brasileiras que, claro, vão falar das nossas desigualdades sociais.

Pero Vaz de Caminha escreveu ao rei Manuel sobre o recém-encontrado Brasil. Mesmo chamando-a de carta, o que Caminha estava fazendo era inaugurar um jeito de escrever: a crônica, que é essencialmente um gênero jornalístico.

Há Martins Pena, José de Alencar, Machado de Assis, Artur Azevedo, João do Rio, Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), Lourenço Diaféria, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo. Alguns cronistas possuem uma verve mais politizada; outros têm uma veia humorística; outros trazem muita poesia para a crônica. Descubra-os. Vale a pena.

Depois das crônicas, experimente ler contos. Comece lendo um por dia. Alguns são imensos e você poderá dividi-los em “x” páginas para lê-los diariamente. Você consegue. Muitos são de arrepiar a alma como **Felicidade**, de **Katherine Mansfield** e **Laços de Família**, escrito por **Clarice Lispector**.

Leia editoriais, artigos (ainda existem nos jornais mais respeitados) e textos científicos. São ótimos para a gente fincar os pés no chão porque uma dissertação deve, essencialmente, possuir um tom de seriedade e de objetividade.

Recomendo a leitura de revistas sobre ciências e curiosidades: Ciência Hoje, Superinteressante, Galileu, Mundo Estranho. Tem mais.

Então está. Acerte o tom, estruturando sua redação com começo, meio e fim. Vá para o décimo passo.

10 EDITE COM ESMERO

É chegado o momento dos momentos. A hora das horas. O minuto dos minutos. Trata-se de algo fundamental para um texto bem produzido: editá-lo.

Em jornalismo, a edição vai dar a forma final. É tempo de burilar, de revisar. Hora de identificar clichês e repetições para alcançar clareza, e, ao mesmo tempo, leveza. Lembre-se sempre que há alguém lendo o que você produziu.

A edição é a hora de lapidar. Antes, existia uma figura específica nas redações para exercer a função. Era o chamado *copydesk*. Sim, mais uma palavra vinda do inglês. É um revisor. O *copydesk* acabou desaparecendo e agora o próprio autor se responsabiliza pela arte final na geografia gerada pelas palavras.

Pense no tema como um alvo. Você é Katniss ou Robin Hood e vai lançar flechas nesse tema. Como um bom arqueiro que você é, sei que saberá escolher as melhores flechas. Enumere três ou quatro e desenvolva cada uma.

Leia com muito cuidado o tema proposto e os textos de apoio. Apodere-se desse tema dizendo que vai surfar nele. Faça soar como uma *cantilena* boa na sua cabeça e repita o mantra: eu vou me sair bem nessa redação. Tudo está sendo construído. Eu posso.

Faça a leitura cuidadosa agindo como um jornalista pegando munição para fazer um relato sobre o assunto. Depois dessa etapa, você fica pronto para expô-lo com lucidez. Como num quebra-cabeças, junte as peças. Escolha a sua abordagem e os argumentos que lhe ajudarão a defender o seu ponto de vista.

Escreva o rascunho como se fosse o seu texto definitivo. Assim, quando você for passar a limpo, serão poucos os ajustes finais. Se você chegou até aqui e praticou tudo o que eu propus, você se tornará um redator de mão cheia. Lembre-se de escrever com simplicidade, objetividade e clareza. Busque isso sempre. Entre duas palavras, escolha a mais simples. Entre duas palavras grandes, opte pela menor.

Fique atento aos detalhes e esqueça a nota que você deseja alcançar na hora de redigir. Você precisa garantir que sua letra seja legível e que seus argumentos sejam coerentes. Só isso. Respire fundo. Acredite. Você consegue.

Listei dez passos para mostrar que a redação do Enem ou de quaisquer outros concursos é uma missão possível. Em todos os passos, imprima determinação e confiança para escrever todos os dias. Comece com textos de 5 linhas por 7 dias. Depois, 10 linhas. Passe para 15. Chegue facilmente a 20, depois a 25. Fique na média de 30 em casa (digo isso porque em casa, você pode e deve pesquisar). 25 no colégio e no Enem. Você consegue.

... ESTÁ

Há bastante tempo, eu tentava escrever esse guia. A demora foi porque tenho um defeito. Sou perfeccionista. Perfeccionismo é terrível. Estou me livrando dessa minha pele porque quem precisa que tudo seja irretocável realiza pouco, pois tem medo de errar. E é preciso compreender que a perfeição é inalcançável.

Então, não vá atrás do perfeito. Faça.

Aprenda a infundir confiança em si mesmo. Para isso, você vai continuar a ler. E escrever todos os dias, mesmo puras bobagens.

Lembrete: os jornalistas, profissionais que vivem do ato de escrever, redigem bem porque praticam todos os dias.

Só que os bons jornalistas temos uma grande vantagem: sabemos que precisamos ler o máximo que pudermos e nos mantermos informados.

Espero que os dez passos sugeridos aqui gerem *faíscas* para que você possa desenvolver bem suas ideias.

Inspire-se.

Trabalhe, ou seja: escreva.

A redação nada mais é que cultivar bem o seu raciocínio sobre vários temas. Você é capaz.

Então está.

A propósito, roubei esse ‘então está’ de **Ana Cristina Cesar** no poema que abre o livro **A Teus Pés**:

Agora é a sua vez.

Do you believe in love...?

Então está.

Não insisto mais.

Insisto mais. Escreva. Você é capaz.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Caco. Rota 66: a História da Polícia que Mata. São Paulo: Editora Globo, 1992.

BRYSON, Bill. Breve História de Quase Tudo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALDAS, Aulete. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

CALVINO, Italo. Seis Propostas para o Próximo Milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CAMUS, Albert. O Estrangeiro. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 10ª edição, 1991.

CESAR, Ana Cristina. A Teus Pés. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CRUZ, Felipe Branco. UOL Entretenimento.

<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/23/jon-bon-jovi-agora-e-doutor-em-musica-apos-ganhar-titulo-honorario-nos-eua.htm>, consultado às 17h19 em 30 de julho de 2023.

DIDION, Joan. O Álbum Branco. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G.H. . Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

GIDE, André. Os Moedeiros Falsos. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

GILMOUR, David. O Clube do Livro (The Film Club). Tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

HOUELLEBECQ, Michel. O Mapa e o Território. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2012.

KLEON, Austin. Roube como um Artista: Dez Dicas sobre Criatividade (Steal Like an Artist: 10 Things Nobody told you about Being Creative). Tradução de Leonardo Villa-Forte. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LLOSA, Mario Vargas Llosa. A Guerra do Fim do Mundo (La Guerra del Fin del Mundo). Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Manual da Redação da Folha de S.Paulo. São Paulo: Divisão de Publicações da Empresa Folha da Manhã S.A., 2001.

MARTINS, Eduardo. Manual de Redação e Estilo. O Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Maltese, 1995.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MORA, Renzo. Casablanca, a Criação de uma obra-prima involuntária do cinema. São José dos Pinhais: Editora Estronho, 2015.

NEWMAN, Barnett. In Teorias da Arte Moderna (Theories of Modern Art). Org.: H.B. Chipp. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PROST, Antoine e VINCENT, Gèrard (Org.). História da Vida Privada, vol. 5. Da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOBRE O AUTOR

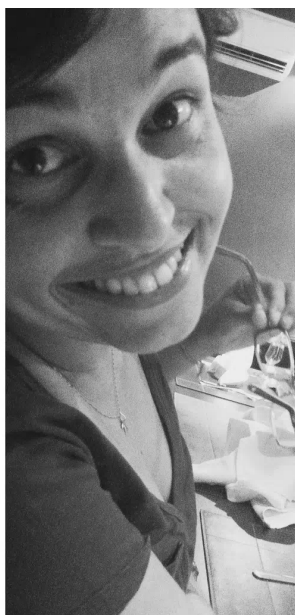
Nádia Gonzaga



Sou jornalista.
Meus pais são Maria e Pedro.
Nasci em Cabrobó, Pernambuco.
Viva viver.

SOBRE O AUTOR

Nádia Gonzaga



Sou jornalista.